

Jiddu Krishnamurti

Sendo S3rio com a Crença

From the series:

Malibu 1970

Sunday, March 15, 1970

Fourth Small Group Discussion, Malibu, USA

K: Vamos continuar onde ficamos ontem? Vamos continuar onde ficamos ontem? Pergunto-me como manter uma seriedade cont3nua. Penso que se pud3ssemos aprofundar um pouco isso e voltar 3quilo de que estavamos a falar. O intelecto n3o 3 s3rio? Um fragmento da nossa vida, que j3 3 fragmentada, parece ganhar supremacia sobre outros fragmentos. Esse fragmento 3 esta luta intelectual, afirmaç3es intelectuais, teorias, f3rmulas, o que deveria acontecer, o que n3o deveria acontecer - sabem, todo o drama intelectual. E o intelecto, 3 realmente s3rio? S3rio no sentido, de uma compreens3o total sustentada que n3o tem nada a ver com f3rmulas, com a teoria, e crença. Pode o intelecto, um fragmento, ser s3rio? S3rio no sentido de um impulso cont3nuo, uma observaç3o cont3nua, sustentada sem qualquer distorç3o. E a maior parte de n3s est3 intelectualmente treinada numa sociedade que exige o resultado intelectual mais do que o resultado total do ser humano. N3o sei se estou a conseguir transmitir alguma coisa. Podemos aprofundar isto um pouco? Por que 3 que isto aconteceu? Por que 3 que uma parte de mim... tornou-se t3o suprema ditando como deveria comportar-se o corpo, o que deveria comer, beber, fumar, sexo - ditando tudo, e ditando a moralidade, a virtude, o comportamento social, e o comportamento privado em casa, e a3 por diante - aparentemente, tecnologicamente e psicologicamente, tornou-se suprema. Por qu3? Por que 3 que uma parte de toda esta estrutura que 3 o 'eu', por que ela se tornou importante?

PJ: Parece-me que parte da raz3o 3 que n3o sabemos como us3-la corretamente. N3o percebemos para que serve, como funciona.

PJ: Na sociedade a especialidade n3o era necess3ria para ter o desenvolvimento intelectual, tal como o desenvolvimento t3cnico, para produzimos bens. Agora que temos os bens n3o precisamos dela; o que estamos a fazer 3 algo que n3o 3 necess3rio.

K: Est3 a dizer, senhor, que o desenvolvimento tecnol3gico, que 3 a actividade intelectual, dominou toda a exist3ncia do homem?

PJ: Foi necess3rio porque n3o havia o suficiente

K: 3 essa a raz3o?

PJ: Mas pensamos isso.

K: 3 assim?

PJ: N3o.

PJ: Como se fosse parte do controle, 3 parte da... toda a nossa cultura quer controlar a natureza utilizando o intelecto para o fazer e cada um de n3s tenta controlar a si pr3prio utilizando o intelecto para isso.

K: Senhor, olhe em si pr3prio - se me permite voltar a si - por que o intelecto assumiu uma import3ncia t3o extraordin3ria na sua vida, na vida de cada um? Deixe a sociedade, a cultura, tudo isso, de fora por que assumiu uma import3ncia t3o vital na vida de cada um?

PJ: N3o 3 a mesma necessidade por segurança de que est3vamos a falar ontem?

PJ: Senhor, pensamos que nossas ideias s3o alguma coisa que n3o muda

K: Olhe para dentro de si, senhor, olhe para dentro de si. Por que 3 que deu tanta... por que 3 que assumiu tanta import3ncia na minha vida, na sua vida? N3o na minha, mas estou apenas a perguntar: por qu3?

PJ: Esse foi nosso treino.

K: Se n3o fosse treinado, n3o faria exatamente o mesmo?

PJ: N3o vivo no campo, penso que poderia...

K: Ah, espere, senhor, espere, senhor, n3o seja t3o claro acerca disso. N3o tenho tanta certeza que n3o o faria.

PJ: Viver numa fazenda, ordenhar as vacas...

K: N3o, n3o. Mesmo assim haveria sempre, "A minha vaca 3 melhor que a outra vaca."

PJ: Isso 3 comparaç3o ent3o.

K: Comparaç3o - por qu3? Chegue, senhor, chegue ao fundo e descubra porque. Por que faz isso? Percebe, senhor, no que isto implica? Toda a perspectiva hier3rquica da vida, sobre a vida - o melhor, o mais alto, o mais nobre, a limitaç3o do verbo "ser/estar" - em que ficamos presos. Se se debruçar sobre isso ver3 porque demos a isto uma import3ncia t3o diab3lica.

PJ: Porque posso ver uma raz3o, 3 porque o passado e o futuro s3o t3o importantes. Fizemos o passado e o futuro muito importantes - o que ir3 acontecer e o que realmente aconteceu. 3 por isso que comparamos. N3o importa agora se tem uma vaca melhor, porque o que a imagem total apresenta, o que aconteceu no passado e o que ir3 acontecer no futuro.

PJ: Senhor, para perceber o que quer dizer quando diz que vivemos no intelecto, pode talvez dizer o que mais existe para viver?

K: Ah, n3o...

PJ: Porque se diz que vivemos no intelecto, penso que pode n3o ser claro para n3s o que isso significa exatamente.

K: Senhor, isso significa - 3 bastante simples - o futuro, o ideal, a f3rmula, a crença - toda a estrutura do que

deveria ser - a utopia, o ideal, o estado perfeito, o Deus perfeito, o perfeito discipulo, o perfeito mestre, o perfeito - percebe?

PJ: O controlador de que estava a falar.

K: Sim.

PJ: O que quer dizer que estamos a viver para alguma coisa.

K: N3o... Veja o que est3 a acontecer, senhor, e a partir da3 descobrir3.

PJ: A sua quest3o do porqu3 - vi muitas crianas. Vi, experi3ncia com muitas crianas e as crianas quase sempre se comparam com as outras - dizem " meus m3sculos s3o maiores que os teus, o meu pai 3 mais forte que o teu." Parece-me que 3 parte de... que todos crescemos com isso universalmente. E temos ent3o, atrav3s da compreens3o, resolver isso. [Inaud3vel]

K: Dr. Weininger, voc3 vive - se me permite ser um pouco... n3o quero ser pessoal, mas... - voc3 vive no intelecto, n3o 3 ?

PJ: Sim.

K: Por qu3?

PJ: Em que sentido?

K: Ideac3o.

PJ: N3o muito.

K: N3o, n3o, n3o! N3o muito... de forma alguma... [risos] n3o pode ter um pouco e n3o muito. Mas vejamos.

PJ: Sim.

K: Vive no... vivemos no... Por qu3?

PJ: Porque h3 uma segurança aparente.

PJ: Mas por qu3? N3o sabemos realmente porque.

K: N3o sabe?

Q: Acho que n3o.

K: Vamos descobrir. Vamos descobrir.

PJ: Parece que muito 3 para estar em contato com outras pessoas, para comunicar.

K: Mas n3o estamos de forma alguma em contato com outras pessoas.

PJ: Tem o efeito oposto.

K: O efeito completamente oposto - 3 um processo que isola. Isolei-me - minha imagem, minha f3rmula, meu Deus, meu isto, e por cima disto olho para o outro, mas ainda existe o muro.

PJ: Quando respondemos porque, parece que cada vez que dizemos alguma coisa estamos de certo modo a adivinhar. Estamos vendo se o que dizemos efetivamente corresponde 3 nossa experi3ncia. N3o parece que estamos a chegar a algum lugar.

K: Sim, senhor, veja, senhor. Olhe, avance mais um pouco, senhor. 3 demasiado verbal, se me permite dizer -

v3 devagar. Isso quer dizer que estamos vivendo no futuro, n3o 3? O ideal, a f3rmula, o que deveria ser, o melhor, est3 sempre ali. Certo? Por que vivo desta maneira?

PJ: [Inaud3vel]

K: Eu vivo no passado e no futuro - certo? - Vivo em minhas mem3rias, em minha imagina33o, minhas esperanças, medos - eles s3o sempre o passado, desespero, exceto esperança no futuro. Assim viver no passado, n3o deve inevitavelmente criar um futuro de esperança idealista? N3o vivo agora mas o passado e o futuro. N3o sei o que quer dizer viver agora. Realmente n3o sei. Ent3o existe o passado e o futuro. Est3 correto, senhores? Passado e o futuro. E - continuem - por que vivo no passado? N3o conheço nada a n3o ser o passado. O que quero saber acerca do futuro 3 a esperança, que 3 o seu pr3prio inferno. Certo? Ent3o isso 3 tudo. Por que vivo desta maneira?

PJ: Ontem falamos sobre o fato de haver incerteza no presente e que...

K: Ah, ah, eu n3o disse incerteza no presente. Quero ter certeza no presente.

PJ: Seguro.

K: Seguro.

PJ: Seguro. Mais uma vez, essa segurança. E parece haver segurança no passado porque 3 algo que 3 conhecido. Assim agarramo-nos a isso.

K: Agarramo-nos a isso e mesmo assim estou vivendo no futuro.

PJ: Projetando.

PJ: Viver para o futuro pode ser melhor...

K: Certo, viver para o futuro - o que deveria ser. A funç3o do intelecto aparentemente 3 viver no passado, como adquiriu conhecimentos, acrescentar ao passado atrav3s do presente, e isso 3 viver, isso 3 operar, funcionar intelectualmente, - cientificamente, tecnologicamente, de todas as maneiras. E a insatisfaç3o do passado 3 a esperança do futuro. Porque a mente n3o fica completamente satisfeita vivendo no passado. Certo? E ent3o?

PJ: 3 por causa do elemento tempo?

K: Isso 3 o tempo. Afinal, viver no passado 3 tempo, e o futuro 3 tempo. Estamos perguntando, senhor, n3o 3, por que 3 que o intelecto se tornou t3o extraordinariamente importante?

PJ: Isso inclui as emoç3es, quando diz o intelecto?

K: N3o. Isto controla as emoç3es. Ele diz, "3 bom ter boas emoç3es" - percebe?

PJ: Um pensamento, um preconceito 3 uma emoç3o, um sentimento. 3 um pensamento forte.

K: Pensamento forte. Eu n3o...

PJ: Assim o intelecto n3o 3 diferente das emoç3es.

K: N3o gosto dele.

PJ: Sim, isso tamb3m 3 emoç3o.

K: N3o, espere, senhor, olhe. 3?

PJ: Porque ele fez algo, porque 3 uma ameaça...

K: N3o gosto dele porque tem isto. 3 uma conclus3o feita pelo intelecto, um pensamento, e o pensamento n3o gosta disso, e por a3 fora. Ent3o vamos... chegaremos ao sentimento daqui a pouco.

PJ: Porque quando diz intelecto, as pessoas tendem a pensar talvez que estaja a falar de pensamento abstrato e atividade cerebral.

K: N3o, n3o, n3o, senhor. N3o, n3o,

PJ: O intelecto que atua na nossa vida, atua na nossa vida como sentimento forte, e preconceito forte, e impulso. E isso 3 emoç3o. Mas se eu somente pensar, n3o tem significado. mas quando penso com sentimento ent3o ele faz travessuras, divide, ent3o projeta no futuro.

K: Isso 3 assim. E ent3o?

PJ: Senhor, quando diz intelecto, est3 dizendo intelecto como diferente de emoç3o ou est3 dizendo o intelecto que inclui emoç3o e resposta emocional?

K: Sim. Vamos incluir a emoç3o por enquanto. Vamos ser claros. Inclu3mos emoç3o nisso - preconceito, o gostar, o n3o gostar. Agora, espere um minuto.

PJ: Sim, parte da mesma coisa.

K: Por que isto est3 sempre a acontecer em mim, em n3s?

PJ: Senhor, assim como a mente biologicamente tem que ter segurança, como mencionou, 3 poss3vel que, de forma parecida, o organismo est3 lutando pela perfeiç3o, psicologicamente, alcançando... [inaud3vel]

K: Mas essa perfeiç3o 3 sempre no futuro, lutando sempre para alcanar o objetivo que inventou.

PJ: Se dissermos que estamos lutando por segurança...

PJ: E o prazer? Parece estar relacionado com o prazer ent3o.

PJ: [Inaud3vel]

K: Temos consci3ncia que o intelecto, no qual est3 inclu3do todo este neg3cio, que ele predomina em nossas vidas?

PJ: Sim.

K: Ent3o por qu3?

PJ: N3o 3 uma procura pelo significado?

K: Significado para a vida - para a vida que n3o tem significado. Uma vida de esforço - sabe, e tudo o mais - e por isso n3o h3 significado nisso, por isso o intelecto se esforça para dar-lhe um significado, para viver de forma diferente. Esta 3 uma coisa enfadonha, a vida 3, e eu vou inventar um significado para ela que vai torn3-la interessante. S3o isso.

PJ: E esforço-me mais um pouco.

PJ: Senhor, eu acho... [Inaud3vel] Mencionou como a mente tem de ter segurança... [inaud3vel]

K: N3o "eu mencionei", senhor, 3 assim. Quero dizer...

PJ: 3 assim. Mas o disse. Quero dizer, n3s sabemos que o corpo compensar3 se perdemos um rim ou outro cresce o dobro do tamanho. Isto 3 compensaç3o. 3 poss3vel que exista este objetivo ps3quico inato de compensaç3o nesse sentido, mas encontramos as formas erradas de o fazer, tal como fazemos com a mente

procurando segurança?

K: Senhor, procurar segurança e estar em segurança s3o duas coisas diferentes, n3o 3?

PJ: Sim, N3s...

K: Ah, n3o, n3o, n3o - n3s estamos procurando segurança, e dissemos que procurar segurança, sabe, cria esta maldade.

PJ: Isso me d3 insegurança. Procurar segurança 3 insegurança.

K: 3 insegurança. Enquanto que estar em completa segurança, acabou. N3o 3 que esteja a procurar segurança e portanto encontro-a e me agarro a ela.

PJ: A mente tem que t3-la, como mencionado, tem que t3-la. E existe algo compar3vel psiquicamente, porque... [inaud3vel] ... neste momento n3o existe uma contraparte para este aspecto de perfeiç3o tal como existe para o aspecto da segurança, mas tomamos o caminho errado...

K: Percebo senhor. Sim, percebo.

PJ: Os bi3logos dizem que o pensamento desenvolveu na evoluç3o, baseado no medo. O medo foi a base do desenvolvimento evolutivo do pensamento.

PJ: O medo 3, em si mesmo, um pensamento.

PJ: Ent3o est3 perguntando, senhor, por que vivemos no intelecto e porque existe esta luta perp3tua.

K: N3o me respondeu. [Risos]

PJ: Mas essa quest3o n3o 3 a pr3pria, ela coloca a criaç3o do intelecto?

K: Sim, mas estou a dizer - e isso 3 apenas para verbalizar o fato de que vivemos nele - mas a coisa que temos de descobrir, por que isto tornou-se t3o colossalmente importante?

PJ: Mas o que parece que estamos fazendo, o que eu estou fazendo, 3 que estou olhando para essa quest3o com o intelecto, e enquanto olharmos para ela com o intelecto ent3o estamos tentando verbalizar e tentando fazer tudo isto. 3 sempre a via errada. Estamos dando avaliaç3es e an3lises disto, da quest3o, e a nossa experi3ncia, mas ainda estamos presos nisso. Independentemente do que estamos fazendo aqui, ainda estamos presos nisso.

K: Ent3o senhor, vamos olhar para isso pelo lado contr3rio: O que 3 viver? Existe o corpo, todo o organismo com todas suas complexas exig3ncias, as gl3ndulas, tudo isso - tanto biol3gica quanto psicologicamente, a imposiç3o da psique sobre o corpo desejando que fosse assim, que agisse desta forma - e toda a natureza emocional, onde se inclui o prazer, o gozo, o prazer de olhar para... e por a3 fora - existe o amor e existe o intelecto - o intelecto que raciocina, olha, observa, diz isto est3 correto, isto est3 errado. avalia e diz "deveria ter feito isto" - tudo isso. Por que que todos os tr3s - o organismo, o amor, a mente - n3o trabalham todos juntos? Por que este? Por que o todo n3o trabalha em harmonia, sabe, como uma boa m3quina que marcha? N3o pode ser harm3nico enquanto um for grande ou enorme, ou um for mais importante que os outros. Pergunto-me se o intelecto assumiu a supremacia porque concebeu a segurança em termos de passado ou futuro. E portanto nenhuma segurança no presente. Percebe? Diz comi hoje e tenho que comer esta noite. Por isso esforça-se por ter comida esta noite e amanh3. Tenho que ter meu prazer, meu sexo - tudo amanh3. Continuem senhores, vamos resolver. Ou viver no passado, em que houve segurança, e esse desejo de segurança permanente no futuro - tal como quero comida amanh3 - construiu esta ideia, fez o intelecto imensamente importante. E portanto domina o amor, domina o organismo, domina tudo. E como acontece que os tr3s - o psicossom3tico e os demais - vivem harmoniosamente, completamente - percebe? n3o um

contra o outro, lutando? Como se faz isto? Como se realiza isto? Veja, vivemos - ah, estou chegando a algum lugar - vivemos num centro criado pelo intelecto - certo? - centro de ideias, movimento autocentrado, que 3 ainda o intelecto, o centro que se auto-perpetua, atividade autocentrada - 3 nesse centro que vivemos. E esse centro precisa romper-se, como o faz, quando o vemos em funcionamento em n3s - esse centro est3 se rompendo o tempo todo - Tenho de viver diferentemente, tenho que ser diferente - percebem? isto n3o deveria ser, isto deveria ser. Ora, como quebrar esse centro e viver no todo, n3o numa parte? N3o sei se estou me fazendo claro.

PJ: A sua primeira pergunta me interessou muito: como se sustenta uma seriedade quando a maior parte de n3s aqui est3 vivendo no presente agora, com o senhor, e quando formos embora o meio ambiente nos seduz... [inaud3vel] e a seriedade sustentada que temos aqui n3o se sustenta.

PJ: Bem, apenas este exemplo, eu poderia ver meu interesse ir para outro lado, e a quest3o cai.

K: Senhor, podemos p3r toda a quest3o de uma forma diferente? Como acontece para se viver harmoniosamente, de forma que nem um nem o outro esteja superdesenvolvido, que um e o outro n3o esteja em conflito, mas funcione, viva, aja como uma coisa total, saud3vel, sagrada?

PJ: Vejo isso um pouco como desenvolver os m3sculos, disse...

K: N3o, n3o, n3o. Isso significa tempo. N3o tenho tempo. - Estarei morto amanh3.

PJ: N3o mas o que estou dizendo 3: vejo que... disse superdesenvolvido...

K: N3o, senhor. N3o, n3o, n3o. Olhe, senhor, dissemos que o intelecto domina, subjugando o afeto, os 3rg3os f3sicos, e assim por diante. Quero, estou me perguntando: como acontece para algu3m ser completamente harmonioso? N3o uma ideia de harmonia que est3 no futuro, mas harmonioso agora? Porque a partir da3 posso criar - percebe? - Posso escrever. Tudo ficar3 certo.

PJ: Temos que sossegar este m3sculo gigante que 3 o intelecto de que est3 falando.

PJ: 3 isso que estou dizendo. Estou dizendo que estamos desenvolvendo todo o tempo - temos de parar...

K: N3o, n3o, n3o, n3o. N3o, "temos de parar" significa resist3ncia.

PJ: De que forma parar?

K: Temos de domin3-lo, temos de derrub3-lo - tudo isso 3 de novo, acabamos.

PJ: Vejo que n3o se pode fazer isso porque isso tamb3m 3 desenvolv3-lo.

K: N3o, n3o, n3o. Essa j3 n3o 3 a minha quest3o. A minha quest3o agora 3: como pode acontecer esta harmonia? Sabendo que a outra coisa est3 superdesenvolvida. O que significa uma vida na qual n3o h3 conflito algum. Conflito 3 viol3ncia, sabe, e tudo o mais. - ent3o como 3 que isto acontece? Tem alguma coisa a ver com consci3ncia?

PJ: Senhor, tem a ver com aquilo de que n3o temos consci3ncia.

K: N3o, n3o, estou perguntando, senhor, estou perguntando: desarmonia, porque vivemos em desarmonia, para encontrar esta harmonia, estou me perguntando se a consci3ncia 3 a chave para isto.

PJ: Consci3ncia da desarmonia?

K: N3o, n3o, n3o, esqueça, esqueça - veja, est3o todos traduzindo imediatamente noutra coisa qualquer. Consci3ncia da desarmonia para ser harm3nico. N3o quero dizer isso. Estou perguntando se a consci3ncia 3 a chave que promove, naturalmente, a harmonia.

PJ: Senhor, a consci3ncia 3 um processo intelectual?

PJ: Consci3ncia de qu3, senhor? Porque o homem de neg3cios que 3 geralmente perspicaz e astuto 3 3 sua maneira tremendamente consciente.

K: N3o, senhor.

PJ: Ele tem consci3ncia da menor vantagem.

PJ: Ela n3o tem raz3o?

PJ: Consci3ncia de qu3?

K: Quero descobrir... Vou... Vamos... Primeiro vou fazer-lhe uma pergunta, senhor, se a consci3ncia 3 a chave para isto. Ainda n3o sei o que 3 a consci3ncia - vamos descobrir, vamos explorar. At3 agora exploramos a raz3o da desordem e desarmonia - a supremacia de um ou de outro, a supremacia do soma, o corpo, ou a supremacia do intelecto - emo3o ou o intelecto, ou o apetite contra o intelecto, e por 3 afora - a batalha. E digo a mim mesmo: 3 a consci3ncia - percebe? - 3 a consci3ncia que trar3 harmonia, que far3 tudo igual.

PJ: Uma fun3o que cont3m isso tudo e est3 al3m disto.

K: Sim. Quero justamente investigar isto.

PJ: A minha pergunta estava relacionada com isso: se uma consci3ncia dessa natureza, desse tipo, voc3 diz que n3o 3 um processo intelectual, ent3o o que 3 estar consciente?

K: Vamos descobrir, senhor, vamos descobrir. Vamos descobrir o que quer dizer estar consciente. Porque se o intelecto diz, "vou me acalmar" [risos] 3 uma coisa hip3crita, e apenas me conterei, pronto para arrebentar a qualquer momento.

PJ: Isso tamb3m 3 um c3lculo.

K: Entende? E se o corpo diz, "Est3 bem ent3o, agora tenho uma oportunidade" - [risadas] - entende? - "Agora posso liberar as emo3es." Ent3o podemos... o que quer dizer consci3ncia? Por que a consci3ncia 3 importante nisto? Percebe, senhor? Aqui tenho um problema, tenho um problema. Vivo em desarmonia, em desordem. Ou o corpo se torna extraordinariamente exigente, vital - percebe? - com sua lux3ria, com seus apetites, com o seu... ou o intelecto, ou as emo3es, sentimentos - sabe. E eu vejo isso e digo, "Ora, qual 3 o elemento que colocar3 isto tudo num r3tmo perfeito?" De maneira que o corpo esteja perfeito, sabe, saud3vel, ent3o as emo3es s3o realmente... s3o emo3es reais, n3o inventadas pelo intelecto, e a raz3o, s3, saud3vel. Quero dizer, inteiro implica - N3o sei se olharam para essa palavra - "inteiro" quer dizer inteiro, na qual implica sa3de, sanidade, e "inteiro" tamb3m implica s- a- g-r-a-d- o - sagrado - tudo isso est3 nesta palavra. Que quer dizer que toda a coisa 3 inteira, s3. Ora, qual 3 a coisa que vai provocar isto? N3o esfor3o, porque esfor3o significa... o intelecto diz, "Por Deus, vejo que isso 3 a forma de viver, e vou atr3s disso. Vou treinar o corpo, vou treinar..." - percebe? Foi-se.

PJ: Se diz essa 3 a forma de viver e por isso vou atr3s disso, n3o entendeu realmente.

K: Claro que n3o, claro que n3o. Ent3o qual 3 a coisa que tornar3 isto inteiro, na qual n3o deve haver o mais leve sopro de esfor3o, nem a menor instru3o? Certo, senhor? Porque no minuto que o intelecto assume o comando... Ent3o a mente deve estar livre de instru3o, senso de esfor3o. Ora, como acontece isto? Devo continuar, senhor? Esta coisa deve vir de fora ou deve come3ar de dentro para fora? N3o sei se estou usando palavras n3o tecnol3gicas, mas... Ent3o vamos tratar disto. O que significa consci3ncia? Porque acho que essa 3 a chave. Eu acho - posso mudar isso - percebe, senhor? - porque estamos a explorar juntos, portanto voc3 pode encontrar algo diferente. Estamos juntos nisto. O que significa? Eu vejo isto. Vejo atr3s da observa3o, portanto atr3s da experimenta3o, testando, observando o fato, o evento, e aprendendo acerca

disso e n3o fazendo disso... n3o adquirindo conhecimento mas apenas aprendendo. Porque o conhecimento, quando se torna conhecimento torna-se o intelecto e depois ele diz que ir3 gu3a-lo. N3o sei se voc3... Podemos continuar a partir daqui?

PJ: Poderia repetir isso novamente?

K: O que foi que eu disse?

PJ: Porque quando age a partir do conhecimento ent3o 3 novamente o intelecto que est3 conduzindo. Mas aprender n3o 3 agir a partir do conhecimento. 3 um estado do ser em que o conhecimento n3o est3 agindo.

K: Eu vejo, observa-se o fato. O fato: o intelecto domina, e os outros dois tocam o segundo violino. Ora, harmonia significa funcionar junto por inteiro, n3o como fragmentos. Ora, a mente v3 isto, v3 como est3 quebrada. Certo? Como ela v3 isso? O ver 3 uma palavra?

PJ: Ou conhecimento acumulado.

K: N3o, uma palavra. Quer dizer, tenho que ver esta coisa. Ou eu, por causa deste di3logo, fica exposto e vejo-o como num mapa - os tr3s funcionando em contradiç3o com os outros, um dominando, e por a3 fora. Ora, como vejo isto?

PJ: Ser3 que a consci3ncia 3 espontaneidade?

K: N3o... palavra perigosa, se me permite dizer isso, porque o ser espont3neo implica em liberdade. E uma mente que 3... intelecto que est3 dominando, n3o 3 livre. Como vejo isto? Como 3 que a mente v3 isto? V3 esta fragmentaç3o? Um fragmento supremamente importante, o resto 3 menor? Quero dizer, quando usamos "ver", como v3 isso, senhor? Voc3 v3 estes tr3s fragmentos - um 3 um pouco mais alto que o resto. E quando diz, "eu entendo isso", o que quer dizer com isso? 3 uma compreens3o verbal, ou 3 uma observaç3o do que realmente 3, sem qualquer distorç3o - dizendo isto n3o tem que ser, isto deveria ser? N3o sei se... Como voc3 olha para isto?

PJ: O ver permite uma certa aç3o verbal tamb3m? N3s o estragamos no minuto que lhe atribu3mos alguma palavra?

K: N3o, posso utilizar palavras depois.

PJ: Depois.

K: Sim.

PJ: O ver 3 antes da palavra.

K: A palavra - correto. Antes da palavra, obviamente, caso contr3rio o ver 3 a palavra.

PJ: N3s talvez n3o imediatamente...

K: Sim, 3 isso que eu estava avisando, tamb3m. 3 um ver verbal ou um ver real?

PJ: Como pode ver se a sua mente est3 sempre condenando? O seu censor est3 interferindo, e voc3 n3o pode ver.

K: Sim, doutor, mas olhe, senhor, isto 3 um fato, n3o 3 ?

PJ: Sim.

K: O fato que se 3 estes tr3s.

PJ: Sim, correto.

K: Isso 3 um fato. Ent3o, como voc3 olha para esse fato?

PJ: Estou a dizer que n3o pode olhar para isso sem...

K: N3o, n3o, n3o, n3o estou interessado na sua condena3o, ju3zo, avalia3o - ent3o voc3 n3o v3. Ent3o ponha isso tudo de lado e olhe. Ent3o como o v3 isto? Se p3e isso de lado - se p3e... justifica3o, condena3o, todo o resto, n3o est3 a olhar harmoniosamente?

PJ: [Inaud3vel]

K: N3o, senhor, n3o, senhor, n3o, senhor, v3 devagar. Est3 a olhar atrav3s do intelecto, que justifica, condena, diz que isto est3 correto, a sociedade produziu isto, etc., etc. - que 3 tudo a3o do intelecto - e quando p3e de lado justifica3o, condena3o e tudo isso, como olha para isso?

PJ: Olha atentamente para o todo.

K: Olha? N3o teorize acerca disto, ent3o pregamos pe3as. Pode olhar para esta mesa, senhor, sem ser apanhado na descri3o? Porque a descri3o n3o 3 a mesa. Certo? Pode olhar para ela sem a palavra? Dizer que 3 de m3rmore, gosto dela, n3o gosto dela, pintura estranha - sabe, todo o resto, entre nisto - que feia, que bonita, etc., etc. - apenas observar.

PJ: E mesmo observar sem olhar para uma mesa.

K: Ah, n3o, n3o - como posso observar sem olhar para...

PJ: 3 uma grande ideia.

K: Ent3o est3 olhando para a ideia de uma mesa. 3 capaz de olhar desta forma? E quando olha realmente dessa forma, n3o v3 o todo? n3o apenas o que pensa que deveria ser. Ent3o, pode a mente olhar para os tr3s fragmentos sem a palavra, e portanto justifica3o, ou ajustamento, e por a3 afora, sem tudo isso, pode a mente olhar para este fato? T:Faltam cinco minutos.

K: Ele quer uma pausa de cinco minutos. T:Faltam cinco minutos.

K: Percebo.

PJ: Tem que ficar quieto.

K: 3 isso, senhor - quieto? O que isso quer dizer?

PJ: N3o posso ver esta mesa - os pensamentos est3o sempre a bloquear.

K: N3o, senhor. Olhe, senhor, olhe para isso, 3 muito interessante, olhe para isso. Se quer realmente olhar para essa mesa, existe algum pensamento? Quando se est3 desatento, acontece tudo. E portanto a consci3ncia e a aten3o s3o o fator da harmonia. N3o sei se voc3 est3... Se eu n3o olho... se a mente n3o olha... se a mente olha com qualquer distor3o, que 3 a do esfor3o, ju3zo, etc., etc., ent3o a observa3o 3 distorcida, desarmonia, n3o harmoniosa. Agora, olhar para isso com harmonia 3 olhar para estes fragmentos sem nenhuma distor3o, preconceito, quero, n3o devo, e todo o resto. E isso em si n3o cria sil3ncio? N3o 3 a mente que torna-se silenciosa mas isso em si...

PJ: O olhar.

K: Se eu quero olhar para essa 3rvore, ou esse p3o do sol, ou estas belas colinas, eu olho. E esse olhar acaba com todo o resto.

PJ: Est3 a dizer que n3o estamos interessados em olhar?

K: N3o, n3o. N3o. Ent3o voc3 dir3, "Como devo fazer para ter interesse?" [Risos] E ent3o ca3mos numa armadilha. Mas ver o fato que vivemos em desarmonia, ver como esta desarmonia, esta desordem surgiu - do intelecto, e por a3 afora - apenas ver. E o pr3prio ver isso tem o seu pr3prio sil3ncio. Porque sem... se h3 um barulho n3o posso olhar para estas montanhas. O pr3prio olhar para estas montanhas est3 trazendo o seu pr3prio sil3ncio. Ent3o como voc3 olha? Atrav3s do intelecto? Voc3 olha para essa 3rvore, essas colinas, ou olha para estes fragmentos, o intelecto, e por a3 afora - como olha para tudo isto? Com o tagarelar? Podemos olhar para esta quest3o de outra maneira? Sabe, controle aparentemente se tornou extraordinariamente importante, porque dizem que voc3 tem que ter... o corpo deve estar completamente controlado, sua mente deve estar completamente contida de maneira que n3o divague. E as nossas emo33es e tudo tem que estar treinado. Ent3o, a medita33o implica fazer o corpo sentar completamente quieto. Isso 3 o princ3pio. E para p3r o corpo completamente quieto, treine para estar consciente de todo movimento do corpo. Certo? N3o sei se alguma vez abordaram esta quest3o. Olhe o seu corpo se movimentar, ou faça o corpo se movimentar - o dedo do p3, o tornozelo, o joelho, e assim por diante. olhe para ele gradualmente, olhe. Percebe, senhor? Ent3o a partir deste olhar, o corpo torna-se extraordinariamente saud3vel. N3o sei se... Alguma vez brincaram com este tipo de coisa? Assim, ent3o da mesma forma, olhe suas emo33es, olhe seus pensamentos, olhe de maneira que n3o se desloquem da dire33o que foi estabelecida. Que 3, "tenho que pensar em Deus." Estou usando a palavra "Deus" , ou um ideal, ou uma frase, ou alguma coisa, ou outra - Jesus, Buda, o que for. De forma que haja... sua mente seja mantida nessa linha, nesse caminho. Ent3o o controle foi imposto, e n3s aceitamos isto como a forma de viver uma vida muito direita, ordenada. Isso 3 muita desordem... isso em si 3 desordem. N3o sei se v3 isto, porque quer dizer, sabe, isso tudo 3 resist3ncia.

PJ: Uma ideia est3 dominando...

K: Quero dizer todo o... Estamos dizendo n3o faça isso, est3 tudo errado, mas fique alerta. Esteja consciente, sem distor33es, sem escolha, sem dar uma dire33o. E essa pr3pria consci3ncia sossegar3 o corpo. Percebe? N3o o contr3rio. N3o sei se voc3 ...

PJ: Discutiria a raiva do mesmo ponto de vista? Gostaria de ouvi-lo falar sobre a raiva. K.Raiva.

PJ: Raiva, deste ponto de vista da consci3ncia. Zanga-se.

K: N3o, n3o acho que se zangar3. E portanto n3o h3 necessidade de supress3o. Est3 3 frente da raiva. N3o sei... Desculpe se ponho as coisas assim.

PJ: A raz3o pela qual menciono isto 3 porque os psic3logos e psiquiatras...

K: Voc3 a v3 chegar, pode senti-la, e sabe como lidar com ela. Sabemos como lidar com ela depois de acontecer. Consci3ncia 3 v3-la surgir e lidar com... e atenu3-la conforme acontece.

PJ: Est3 dizendo que saberemos mesmo como lidar com ela. Agora 3 uma quest3o de fazermos isso. Vai mesmo acontecer...

K: Senhor, faça-o agora, ver3 por si mesmo que coisa extraordin3ria 3. N3o porque eu o digo. O que eu digo n3o tem import3ncia, mas...

PJ: [Inaud3vel] ...todo o organismo...

K: Sim, senhor, obviamente. Um homem que 3 extraordinariamente en3rgico n3o tem raiva. Um homem que tenha adquirido este sentido de completa harmonia, sabe, completa segurança, ent3o o que... Quer dizer - desculpe! [Risos]

PJ: 3 verdade que... o amor flui sempre desta consci3ncia plena?

K: Ah, n3o, n3o Senhor... [risos] Pensa que uma flor que 3 cheia de perfume diz, "Isto 3 o amor"?

PJ: N3o quero dizer a ideia de amor.

K: Estou dizendo uma flor - a3 est3. Tem tanto perfume, graciosa, t3o delicada... O intelecto diz que o amor tem de ser pessoal, impessoal, divino, nobre, bonito, isto, aquilo - sabe? - faz disso uma bela bagunça. Quero dizer, todo este mundo cat3lico est3 agora em revoluç3o porque aceitou que para servir a Deus 3 necess3rio ser celibat3rio.

PJ: Ou fingir que se 3 ou parecer ser.

K: Celibat3rio - n3o dormir realmente com uma mulher conter dentro de si mas n3o o fazer exteriormente. E 3 tamb3m o mesmo na 3ndia, e na 3sia. Eles fervem, queimam, destroem-se interiormente, mas exteriormente Jesus, e Buda, sabe, todo o resto. Ent3o estamos a dizer, vendo todo este fen3meno, que a vida harmoniosa s3 3 poss3vel na observaç3o do fato, do evento, e olhando para ele - e nada mais. A maneira como se olha tem relev3ncia, n3o o que se olha. N3o sei... Se existe uma dist3ncia entre o observador e o observado ent3o acabou.

PJ: Se existe um observador.

K: Se existe um observador. A flor com perfume n3o diz, "Isto 3 amor, isto 3 beleza, Estou cheia disto, estou cheia daquilo" - 3 assim.

PJ: Senhor, a situaç3o em si, a dist3ncia entre o observador e o observado. Existe outra maneira de p3r esta frase "dist3ncia", existe outra maneira de olhar para isso?

K: Outra maneira de olhar para isso, senhor, 3 olhar sem o observador, olhar de maneira que exista apenas a coisa que 3 observada, n3o a interpretaç3o do que 3 observado. E quando voc3 realmente olha para os fragmentos - intelecto e todo o resto - como o n3o-observador, existem os fragmentos? N3o sei se... Percebe, senhor? O observador 3 um fragmento. O observador observa os fragmentos, os tr3s fragmentos. E assim torna-se a entidade separada, um estranho que olha para dentro. Mas o observador 3 a coisa que ele observa. Ele pode colocar-se de fora mas 3 parte desses tr3s. Assim o observador 3 o observado, e portanto n3o h3 dist3ncia. E pode a mente olhar dessa maneira sem identificar, dizendo, "Eu sou o todo, eu sou isto." Senhor, olhe, acontece outra coisa extraordin3ria quando voc3 olha... Quero dizer, olhar, como fazemos geralmente, como o observador e o observado, que criou a sua pr3pria disciplina, a sua pr3pria desordem. Mas olhar sem o observador requer uma disciplina no sentido de tremenda aprendizagem para olhar. Certo?

PJ: Aprendizagem no olhar.

K: Aprendizagem no olhar.

PJ: N3o para olhar

K: N3o.

PJ: Mas isso n3o leva tempo?

K: N3o, senhor.

PJ: Os dois s3o o mesmo.

K: N3o, senhor, n3o leva tempo. Olhe, senhor, olhe para essas montanhas sem o observador - olhe apenas, senhor, e veja o que acontece. Gostaria que voc3 estivesse sentado aqui em vez de mim; voc3 veria. Sabe, isso 3 realmente... Olhar sem a imagem - percebe, senhor?- 3 isso o que significa - olhar para minha mulher, marido, as colinas, as 3rvores, os p3ssaros, todo o movimento desta beleza sem a imagem. Porque a imagem

3 o observador. A imagem 3 o intelecto. V3, senhor, como est3 ligado? Como est3 tudo ligado. Ent3o tem-se que tomar tudo ou nada. [Risos] N3o pode dizer, "Bem, gosto de um fragmento, Vou us3-lo." Assim matar3 a coisa toda.

PJ: Poderia dizer mais algumas palavras acerca disso, esta seriedade sustentada - Por um momento podemos sustent3-la. Voc3 mesmo levantou a quest3o, porque n3o o ouvi dizer nada acerca disso: seriedade sustentada.

K: Sustentada...Fizemos isto. Passamos uma hora inteira nisto!

PJ: [Inaud3vel]

K: Ah! Se passasse uma hora e meia inteira nisto, far3 isso o resto do tempo, naturalmente. Incluindo quando vai ao cinema. [Risos]

PJ: Isto n3o elimina a brincadeira, n3o 3? [Risada]

PJ: Espero que n3o.

K: Tudo depende do que quer dizer com brincadeira. [Risos]

PJ: [Inaud3vel]

K: Senhor, isso quer dizer que prazer 3 algo completamente diferente - a alegria 3 completamente diferente do prazer.

PJ: Sim.

K: Ah, n3o!

PJ: Acho que existe uma certa conotaç3o na palavra "seriedade" que...

K: Claro, claro.

PJ: Na palavra.

K: Que horas s3o, senhor?

PJ: Doze e meia, senhor.

K: Oh, acho que 3 melhor pararmos, n3o acham?